

Com base na premissa que a escola deve reconhecer e valorizar diferentes saberes, linguagens e culturas socialmente silenciadas e excluídas, propomos uma aproximação com o conceito de ecologia de saberes, cunhado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos. Considerando que tal conceito ainda é recente e requer uma discussão mais ampla e aprofundada, limitamo-nos, nesse espaço, tal como Boaventura, a defini-lo como o reconhecimento da diversidade epistemológica, ou seja, a existência de uma pluralidade de formas de conhecimento para além do que é científico.

Nesse sentido, reproduzimos a entrevista do professor Moniz Sodré a Regiany Silva e Patrícia Gomes, publicada no site da Porvir, que nos provoca a refletir sobre essa perspectiva.

PARA REFLETIR

A escola deveria incorporar a ecologia dos saberes!

O sociólogo Muniz Sodré é um defensor da diversidade. Em suas obras, que orbitam pelos campos da comunicação, cultura, sociologia e educação, ele exalta a necessidade do reconhecimento das diferenças e de uma aproximação afetiva delas como forma de se caminhar para a aceitação da pluralidade e se valorizar o Outro (em letra maiúscula mesmo, para evidenciar a deferência). Formado em direito, com mestrado da sociologia da informação e doutorado em letras, Sodré é tido como um dos mais importantes intelectuais brasileiros. Ao transitar pelo ambiente acadêmico e o de saberes populares, ele faz o apreço ao diverso não ficar restrito apenas a sua produção científica.

Prova disso é que Sodré, ao mesmo tempo em que é professor emérito da UFRJ e já ocupou o cargo de presidente da Biblioteca Nacional, é também mestre de capoeira e tem o título de Obá de Xangô do Opô Afonjá, conferido a "protetores" de terreiro de cadomblé. Em 2012, ele publicou o livro Reinventando a educação: diversidade, colonização e redes, em que afirma: "A ideia do 'saber único' termina recalando uma parte importante da realidade (...) seus efeitos são igualmente danosos no tocante à educação, porque o monismo cultural impede o pluralismo".

Para o estudioso, a educação brasileira precisa ser reentendida, uma vez que ela foi concebida com base em saberes eurocêntricos, descartando o potencial intrínseco aos outros povos que constituem a diversidade do nosso país. Ele entende que a experiência que cada aluno traz deve ser valorizada e compreendida na formação do que chama de ecologia de saberes.

Em entrevista ao **Porvir**, o intelectual falou da importância de os professores, figuras que considera cruciais na formação do indivíduo, mudarem de papel. Em vez de transmissores de conhecimento, eles devem assumir a função de tradutores das diversas linguagens do mundo - que são ainda mais vastas quando se considera que o conhecimento tem múltiplas origens. Falou também de tecnologia como um espaço ao qual estamos irremediavelmente ligados pela cultura digital. E criticou o currículo adotado pelas escolas, que acabam criando seres competitivos, e não necessariamente promovem a circulação de saberes.

O senhor diz que o professor deve assumir o papel de iniciador nas linguagens do mundo. Como o professor se prepara para apresentar a seus alunos tantas linguagens, que podem ser novas inclusive para ele?

A docência como uma iniciação a linguagens supõe uma pedagogia que não se define por inculcação de conteúdos, mas pelo acolhimento da diversidade. Cada linguagem é um modo de ser do conhecimento, que envolve cognição e ética. Isto vale para qualquer campo do saber, até mesmo os mais especializados. Para tanto, o iniciador-tutor-professor, qualquer que seja o nome,

precisa de uma formação diferenciada e uma reciclagem permanente. Tudo isto supõe também um status especial para o docente.

Como a lógica de diálogo com a tecnologia pode influenciar positivamente nos processos de aprendizagem?

Tecnologia é a razão ou a linguagem da técnica. A consciência do homem contemporâneo é fortemente moldada não apenas pelos objetos técnicos de que dispõe, mas principalmente por um "coração" afinado com a ambiência tecnológica. Como toda aprendizagem começa a partir da ambiência (família, meio natural etc.), o diálogo educacional incluirá necessariamente os pressupostos tecnológicos do modo de existência.

O que falta para as escolas e as famílias serem capazes de educar para o sensível e para a diversidade? Qual é a importância da aproximação com o outro e do reconhecimento da diferença na formação de cidadãos plenos?

A separação (platônica) entre paideia (a cultura do logos) e paidia (jogo, a cultura do sensível) marca ainda hoje profundamente a educação ocidental. Mas é a própria tecnologia que põe em questão a pretensa superioridade lógica dos signos, das palavras (a ideia de cultura como o sério ou o sisudo), expondo a parte importante do sensível nas elaborações culturais. O conceito de cultura ecológica preconiza o dar-se as mãos às diferenças.

O senhor costuma falar que a escolarização precisa se desprender da ideia de escola. Como fazer com o que é aprendido fora da escola também seja valorizado e convidado a entrar na sala de aula?

Eu falo de desprendimento físico, de escola entendida como centro imóvel de transmissão de conhecimento e formação humana. Escola é, na verdade, uma forma moderna (assim como a democracia e o mercado são formas) da socialização do saber. Essa forma não deveria ser monológica, nem monocultural, e sim o processo de incorporação e diálogo com todos os saberes circulantes num grupo humano qualquer. Seria essa a ecologia dos saberes.

Em suas falas, o senhor fala da necessidade da transformação de currículos e conteúdos. Quais são os conteúdos que precisam ser considerados e/ou valorizados no currículo brasileiro?

Os currículos escolares são geralmente absurdos: um sem-fim de matérias que o estudante esquece tão logo ultrapassa as barreiras de acesso ao ensino superior. Todo esse absurdo destina-se a preparar o jovem para a competição do teste. O conhecimento acaba definindo-se pela capacidade de passar no teste. Aí não se avalia realmente o saber, mas a competitividade do indivíduo, como se estivesse no mercado.

*Entrevista acessada em 03/09/2019, disponível em <http://porvir.org/a-escola-deveria-incorporar-ecologia-dos-saberes/>

DDHH

Direitos Humanos

na sala de aula



Esse exemplar encerra as reflexões teóricas e práticas orientadas pelo lema "Escolas: sentidos e aprendizagens".

Fazendo memória desse percurso, iniciamos essa caminhada refletindo sobre os diferentes sentidos de escola em disputa na sociedade hoje. Os exemplares seguintes direcionaram nosso olhar para os impactos das mídias digitais na educação e a necessidade de pensar a escola como um espaço de diálogo entre saberes, culturas e práticas na perspectiva de uma ecologia de saberes.

Nesse exemplar, as diferentes seções afirmam a convicção de que a escola é lugar de fazer amigos/as, aprender a ser, a conviver e a construir conhecimentos de forma crítica, plural e democrática. Nesse sentido, apontamos também a necessidade de aproximar os saberes escolares da perspectiva de uma ecologia de saberes.

No momento em que os sentidos de uma educação crítica e humanizadora estão sob fortes ataques de políticas ultraconservadoras, do avanço de um neoliberalismo radical e pelo desmonte de direitos e de políticas públicas de inclusão social, manter espaços de reflexão coletiva como esse são imprescindíveis para fortalecer a manter viva a esperança. Por isso, entre as datas significativas de outubro e novembro, destacamos o dia 15 de outubro. Saudamos a você, educadora e educador, que enfrentam cotidianamente situações de pobreza, intolerância e violências e persistem, resistem e reexistem na luta pela valorização da profissão e por uma educação em direitos humanos.

A CONTECEU!

Agradecemos a participação de todos/as no XI Seminário Nacional do Movimento Socioeducativo "Políticas Públicas e Educação: os sentidos da escola hoje", marcado por reflexões e debates importantes sobre o cenário de desmonte de políticas públicas na educação, as tensões entre os sentidos da escola hoje e as fissuras que nos permitem tecer modos de aprender e ensinar numa perspectiva crítica e humanizadora.



VAI ACONTECER!

No dia **9 de novembro**, sábado, das 8:30 às 13h participe do **Encontro de Educadores/as em Direitos Humanos** "Escolas sentidos e aprendizagens: compartilhando experiências", em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Caxias. Coloque na agenda e aguarde divulgação.



„Ser professor e não lutar é uma contradição pedagógica.“

Abraços fraternos,

A Equipe

PARTICIPE!

Visite os sites da Novamerica e do Observatório de Educação em Direitos Humanos em Foco. Curta a página da Novamerica no Facebook e siga-nos no Instagram @ong novamerica.

DATAS SIGNIFICATIVAS

Outubro

02

Dia Mundial da Juventude

08

Dia do Direito à Vida

12

Dia das Crianças

17

Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza

15

Dia do/a Professor/a

Novembro

16

Dia Internacional da Tolerância (UNESCO)

20

Dia Nacional da Consciência Negra

20

Dia da Proclamação dos Direitos da Criança (ONU)

25

Dia internacional de Combate à Violência contra a Mulher

NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA

Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP : 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033

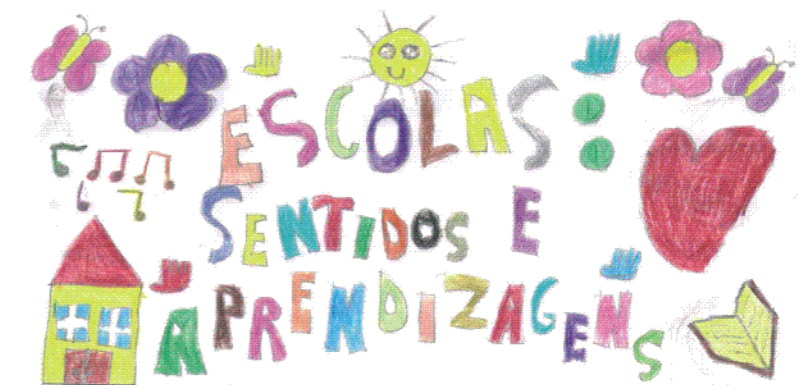
E-mail: escola@novamerica.org.br
<http://www.novamerica.org.br>

Direitos Humanos
na sala de aula



Editora: **Susana Sacavino**
Texto Final: **Silvia Maria F. Pedreira**
Supervisão Editorial: **Adelia Maria Koff**
Composição Gráfica: **Companhia Visual Manteca**
Equipe Responsável: **Edileia Carvalho**
Maria Consolação Lucinda
Vera Maria Candau

NOVAMERICA



A SALA DE AULA EM MOVIMENTO

Cara professora, caro professor, nesse espaço, celebrando os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos da Criança, destacamos ato de brincar como um direito humano fundamental e atividades que buscam fazer emergir e dialogar diferentes saberes, culturas e linguagens presentes no cotidiano escolar.

Educação Infantil - Pré-escola Ensino Fundamental - 1º, 2º e 3º anos

Princípio 7º da Declaração Universal dos Direitos da Criança

"A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito".

"A brincadeira é o trabalho da infância" Jean Piaget

É inegável a importância do ato de brincar para o desenvolvimento humano. No entanto, mudanças nas sociedades contemporâneas reduziram o tempo e as possibilidades das crianças brincarem (violência, consumismo, dependência de dispositivos eletrônicos, falta de espaços verdes e de convivência etc.) Nesse sentido, a escola deve assumir o seu protagonismo na efetivação e promoção desse direito humano. Para tanto, seguem algumas sugestões de atividades:

- Em roda, iniciar uma conversa sobre o ato de brincar. Perguntas que ajudam: Que brincadeiras costumam fazer? Com quem costumam brincar? Onde brincam? Brincam meninas e meninos? Por que sim? Por que não? Durante as brincadeiras acontecem brigas? Por que? Como são resolvidas?
- Registrar as brincadeiras exemplificadas pelas crianças e solicitar que escolham duas ou três para brincarem todos/as juntos/as: meninas e meninos, crianças com ou sem deficiência. O importante é estimular a cooperação e a interação do grupo.
- Como desdobramento, promover atividades lúdicas que estimulem as famílias a brincarem com as crianças. Explicitar a importância do ato de brincar no desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras, sociais e afetivas. São inúmeros os exemplos de brincadeiras simples que favorecem a interação entre família e escola: mímica, adivinhações, amarelinha, morto vivo, forca, lenço atrás, nó humano etc.

- Aproveitar o momento para pedir que narrem os tipos de brincadeiras e brinquedos que praticavam quando crianças. Indagar sobre quais ainda existem hoje em dia. Se possível, pedir que as crianças escolham uma ou duas para brincarem juntos.
- Outra sugestão é reunir sucatas e materiais diversos e deixar rolar a criatividade para construir brinquedos que desejarem. Essa atividade também é uma boa oportunidade para aproximar famílias da escola.
- Realizar oficinas para a confecção de bonecas Abayomi, símbolo da resistência de mulheres africanas. Na internet estão disponíveis vários tutoriais.
- Também não pode faltar a organização e manutenção de uma brinquedoteca. Ambiente simples, capaz de produzir momentos de muita alegria, e altamente propício ao desenvolvimento da imaginação, da criatividade, de habilidades de comunicação e interação social,



<https://mibufc.wordpress.com/2012/08/28/jogos-e-brinquedos-do-mundo/> Acesso em 03/09/19.

Ensino Fundamental 4º e 5º e 6º anos



<https://laqueletemol.blogspot.com/2012/11/reinventar-escola-dialogando-com.html> Acesso em 04/09/2019.

Considerando a escola como um espaço de cruzamento de culturas essa atividade propõe a realização de uma feira de saberes buscando promover e valorizar diálogo entre saberes e linguagens presentes no cotidiano escolar

Dinâmica de sensibilização:

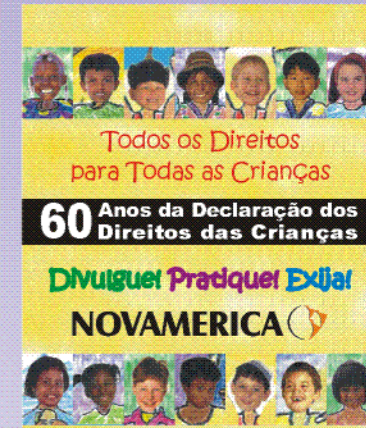
- Organizar a turma em círculo, colocar uma música de fundo suave e pedir que, em silêncio, busquem entrar em contato com aprendizagens que consideram significativas.
- Em seguida, distribuir duas filipetas e solicitar que em cada uma delas, respectivamente, registrem:
 - ✖ Um saber que tem e considera importante.
 - ✖ Com quem ou como adquiriu esse saber.
- Pedir que compartilhem os registros com o grupo. À medida que forem apresentando seus registros, montar no chão da sala um grande painel, buscando aproximar os saberes de mesma natureza - saberes escolares e os saberes sociais adquiridos em outros grupos sociais (família, igreja, amigos etc.).
- Ao final, conduzir o debate de modo a reconhecerem que os saberes adquiridos orientam nossas formas de ver, sentir, compreender, estar e nos relacionar no mundo. Outrossim, identificar saberes que são mais reconhecidos/valorizados, os que são silenciados e as implicações negativas. Isto é a negação de sujeitos, a proliferação de preconceitos, discriminações e da exclusão social. Concluir enfatizando a necessidade de reconhecer a pluralidade de culturas e a importância do diálogo entre diferentes saberes para tecer uma cultura de direitos humanos.

Organização da Feira de Saberes:

- Organizar uma feira cultural capaz de fazer dialogar saberes disciplinares e saberes sociais múltiplos dos/as alunos/as, assim como fazer emergir talentos, habilidades e outras formas de ser e de se expressar que contribuam para o desenvolvimento pessoal e social.
- Exemplos de atividades: oficinas de cuidados com o corpo, com a saúde, alimentação, com o lugar em que vivem, cuidados nas relações, com a natureza, rodas de leitura, exposição de arte, artesanato, apresentações de música, teatro, dança, poesia, fotografia, jogos pedagógicos, atividades recreativas e desportivas etc. Importante é aproximar a vida da escola, numa perspectiva plural e democrática.

TEMOS DIREITO!

Diante dos graves retrocessos nas garantias de direitos, em especial, em relação a grupos socialmente vulneráveis, assinalamos a necessidade de celebrar os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos da Criança. Nesse contexto, destacamos a Lei 3792/15, Lei da Escuta Protegida, que garante direitos das crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência. A lei possibilita que os depoimentos sejam realizados com o apoio de uma equipe técnica capacitada, com todo o cuidado possível, evitando-se ao máximo a reiteração do depoimento e o contato com o agressor



Ensino Fundamental 7º, 8º e 9º anos

Considerando a pedagogia da memória como um elemento fundamental da educação em direitos humanos, essa atividade discute a importância de compreender a História sob o ponto de vista de povos e culturas silenciados, explorados e excluídos social e culturalmente.



<https://reducimbira.wordpress.com/2019/03/11/os-heróis-dos-barracons/> Acesso em 04/09/2019.

ENRIQUECENDO A AÇÃO:

Materiais on line:

Sites:

- Educação em Direitos Humanos em Foco
- Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros
- Instituto Tear
- Território do Brincar

Publicações:

- Rede de Saberes Mais Educação: pressupostos de projetos pedagógicos de educação integral. Ministério da Educação, 2009.
- Brinquedos e brincadeiras inclusivos. Instituto Mara Gabrielli.
- Kit de Desenvolvimento da Primeira Infância: Uma Caixa de Tesouros de Atividades. Unicef
- Apostila de jogos infantis africanos e afro-brasileiros e brincadeiras.

Cine dicas:

- Território do Brincar - disponível na a plataforma Videocamp
- Tarja Branca - disponível no Netflix
- A onda e Educação Proibida, também disponíveis no Netflix.
- Uma história de amor e de fúria - disponível no Youtube

Vídeos:

- O perigo de uma única história com Chimamanda Adichie.
- Conceito de Ecologia de Saberes - Boaventura Sousa Santos, publicado no Youtube por Teias de Saberes.

Materiais impressos:

Para professores/as:

- Jogos para pensar: Educação em Direitos Humanos e Formação para a Cidadania, de Flávia Lemos Abade e Maria Lúcia Miranda Afonso, Ed. Autentica, 2012.
- Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes, de Moniz Sodré, Ed. Vozes, 2012.
- Didática: tecendo e reinventado saberes e práticas. Org. por Vera Maria Candau, Ed. 7 Letras, 2018.

Para crianças e adolescentes:

- Presas na teia, de Rosana Hermann, Ed. Moderna, 2009.
- Livros da série Diários de Pilar na Amazônia, Machu Picchu, África, Egito, Grécia, de Flavia Lins, Ed. Pequena Zahar.